

HOMENAGEM À NOSSA MIRIAM LEMLE*HOMAGE TO OUR MIRIAM LEMLE**Isabella Lopes Pederneira¹*

Um número sobre estudos gramaticais sincrônicos e diacrônicos não poderia ficar sem a presença de Miriam Lemle, por isso presto minha homenagem póstuma a ela através deste número.

Miriam foi daquelas figuras centrais, pilares e raras da Faculdade de Letras da UFRJ.



Professora Miriam Lemle, na sacada da Ca'Foscari, Universidade de Veneza, em 2013.

Homenageá-la na apresentação desse número da Revista Linguística da UFRJ é uma honra. Seu legado é imensurável, e minha apresentação será a partir de uma visão particular sobre ela, e não, propriamente, a partir de sua atuação como Professora Titular Emérita de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A opção por essa visão advém do fato de ter conhecido a Miriam quando ela estava a poucos

anos de sua aposentadoria compulsória. Desse modo, há outras testemunhas oculares de um número maior de elementos e detalhes de seu percurso acadêmico.

Fui a última de suas orientandas que ela acompanhou em todas as etapas acadêmicas. Nos últimos anos, estive ao lado dela quase diariamente. Com e como ela, tornei-me gerativista. Há muitos momentos marcantes em nossos inúmeros encontros, em que se misturavam objetivos acadêmicos e pessoais. Em dezembro de 2018, dia em que estava sendo homenageada através do livro “O apelo das árvores”, grande e merecida homenagem realizada pelos professores Alessandro Boechat e Andrew Nevins, coincidiu com o dia em que soubemos que eu ocuparia uma vaga entre os professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu alívio e satisfação foram na mesma proporção que os meus. Ela sabia o tamanho de sua participação nessa conquista.

Comecei quase pelo fim, mas agora vou voltar um pouco no tempo, cerca de dezesseis anos, que foi o tempo que tive oportunidade de conciliar meus dias com os dela. As idas e voltas textuais confirmam nossa resistência à linearidade, representada nas arquiteturas sintáticas. Em janeiro de 2004, quando ingressei em seu grupo de estudos, através da querida professora Aniela Improta França,

¹ Departamento de Letras Vernáculas/PPG Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), isbellapederneira@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0002-5884-8472>.

também ex-orientanda e parceira de trabalho da Miriam por longos anos, deparei-me, pela primeira vez, com a imagem da tão conhecida Professora Miriam Lemle. Tive medo de trocar uma palavra sequer com ela, embora aquele sorriso simpático de que me lembro até hoje já estivesse lá. Meus laços específicos e individuais com ela foram de iniciativa dela, em janeiro de 2005, já que eu não tinha ousadia suficiente para propor um trabalho com Miriam Lemle. Eu soube que estava recebendo uma proposta grandiosa na minha vida. Deitei contente naquela noite, excitada com a oportunidade. Ela havia descoberto que eu era aluna de latim e sempre teve interesse em estudos diacrônicos também, ainda que sua produção não seja exatamente voltada para essa área de estudos.

Daquele dia em diante, Miriam me acolheu, me ensinou e me conduziu não só na linguística, mas também na vida comum. Em nossa mesa de trabalho, misturavam-se árvores sintáticas, chocolates para dar energia e deixar inteligente (na falta do café), dicionários e papéis, além de choros, gritos e muita risada e planejamento em todas as nossas manhãs, tardes – e também noites, quando os prazos apertavam. Particularmente, Miriam estava sempre com lindas e modernas bolsas, que ela dizia que comprava na praia, mas lá dentro, além de muitos utensílios perdidos, havia a magia da linguística, que ela conseguia enxergar em notícias jornalísticas, por vezes, banais. O brilho em seus olhos e a energia do conhecimento que brotavam de um título daquele boletim diário de notícia eram momentos inspiradores, que fazem parte da minha formação. Emocionava e impulsionava o quanto ela insistia em um mundo constituído apenas de verdades e estruturas linguísticas.

A ousadia que estava nos acessórios da Miriam não estava restrita aos colares e bolsas. Miriam ousava nos trabalhos acadêmicos também, o que tornava nossas pesquisas sempre mais árduas, pois a literatura não era tão fácil de ser encontrada, às vezes nem havia mesmo. Essa é uma marca de sua personalidade, certamente conhecida entre aqueles que conviveram com ela. Talvez tenha sido essa a característica que motivou que um colega a descrevesse como “rock and roll”. Ela foi responsável por inaugurar muitos campos de estudo em linguística gerativa no Brasil, por exemplo. Além da própria linguística chomskyana, Miriam adentrou temas polêmicos e arriscados em seu início, como a interface com a neurociência da linguagem e os próprios estudos em modelos construcionistas de Gramática Gerativa.

Miriam, do início ao fim, além de ousada, foi surpreendente. Sua presença, sempre forte, decidida e decisiva, coloca-nos a dificuldade em lidar com sua ausência física, mesmo passados mais de dois anos de sua partida inesperada. Miriam tinha um jeito próprio, peculiar, até mesmo de arrastar os pés pelo corredor H do terceiro andar da Faculdade de Letras e de abrir a porta da sala H-308, de modo que era difícil não identificar sua iminente chegada para nossos encontros, sempre um pouquinho atrasada. Atrasada no horário, mas nunca na ideia e no pensamento. Deste modo, ela tornava aqueles 30 minutos de espera um passo adiante nos estudos. O processo de realização de um trabalho era tão importante quanto seu fim. Ainda ressoam suas gargalhadas durante a produção de nosso eternamente inacabado artigo sobre “piadas linguísticas”. Eternamente inacabado, até nos reencontramos no “Cosmos”, tenho certeza. Lá, a gente recomeça do início, dá umas boas risadas e, finalmente, terminamos. Muitos artigos inacabados, ao longo do tempo, consigo terminar, mas não esse. Esse eu não quero que seja sem ela.

Como todos sabem, Miriam Lemle foi uma das maiores linguistas do Brasil, tendo sido precursora, entusiasta e defensora da linguística gerativa. É autora de inúmeros artigos, capítulos de livros e livros em linguística gerativa. O que poucos sabem é que, quando eu estava iniciando os estudos, antes mesmo de conhecê-la, enviei um corajoso e-mail para Noam Chomsky e uma das perguntas que fiz a ele foi uma indicação de um bom linguista para estudar gerativismo no Brasil. Sua resposta foi Miriam Lemle. Esse dado mostra parte de sua grandiosidade. Miriam era minimalista em seus entusiasmos, mas é certo que homenageá-la em um número da Revista Linguística da UFRJ, proveniente do Programa de Pós-Graduação de que ela tinha tanto orgulho e pelo qual ela tanto lutou, com garra e dedicação exclusiva (quase literalmente, em seu caso), vai deixá-la feliz e satisfeita.

Apesar de ser adepta a uma vida de poucas euforias, foi uma mulher complexa, forte, de uma sofisticação simples nas palavras, lia e escrevia com a visão clara das hierarquias sintáticas das palavras e das sentenças. Sem muita ortodoxia religiosa, segundo ela, a prova de que Deus existe é a linguagem humana, mais propriamente a sintaxe. Ela dizia que era uma arquitetura tão perfeita, que só poderia ser obra de Deus. Alguns poderiam argumentar que nesse contexto residiria sua verdadeira ortodoxia: a linguística gerativa. Controverso ou não, seguiu em defesa desta corrente teórica até 2020, sempre percorrendo caminhos aventureiros, seja na vida particular, cheia de esportes radicais, seja na profissional. Temas de estudo muito comportados, como disse, não eram seus prediletos. Era preciso sempre criatividade para construir uma carreira junto dela. Houve riscos e risadas. Extremista nos sentimentos, ia dos gritos aos sorrisos, sempre com sinceridade no olhar. Uma ingenuidade peculiar e encantadora diante da vida, e uma perspicácia linguística raríssima.

Esta homenagem é, portanto, muito pertinente, já que Miriam Lemle ajudou na construção do que hoje é o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Esteve entre os primeiros professores que formavam os primeiros linguistas do Brasil. Miriam Lemle, mais do que uma grande pesquisadora, foi uma professora orgulhosa. Importante ressaltar que ela não fazia questão de qualquer rótulo nobre. Quando conheci a Miriam, ela já era reconhecida e premiada, mas só soube disso por informações de segunda mão. Ela nunca mencionou, por exemplo, que havia sido uma pesquisadora A1 do CNPq (nem sabia direito o que era) ou que era Professora Titular ou que havia sido presidente da ABRALIN. As claras hierarquias ficavam reduzidas somente às construções arbóreas. Seu orgulho era por ter entendido algo importante, lá nos anos 70, quando descobria a recursividade e a Gramática Universal. Ela me pedia até para não permitir salas em seu nome após sua partida. O que ela me fez prometer mesmo é que a linguística gerativa resistiria.

Suas demonstrações de afeto eram comedidas. Estavam em inúmeras trocas de e-mails e telefonemas diários, num “oi, adoro quando abro a porta e você já está aqui”, num “tô com saudade, Isabella”, quando eu estava trabalhando em Teresópolis e conseguia ir pouco ao Fundão, ou numa chamadinha discreta, agradecendo pela minha presença diária. Às vezes, não era tão comedida assim: ela me dizia que eu não deveria me mudar para Petrópolis, porque subir e descer a serra diariamente poderia me causar problema cardíaco e eu acabar morrendo disso antes da hora. No fim de tantas discussões em torno da minha moradia, entendi que ela achava que eu estaria menos presente no Fundão, e era isso que ela temia.

Ela foi daquelas acadêmicas formadas em um tempo que passou. Prezava a humildade do conhecimento verdadeiro, a grandiosidade de um saber sem grandes performances produtivistas. Estava sempre percorrendo caminhos abstratos, onde ela encontrava as construções arbóreas. Teórica e poliglota, era fácil, para ela, encontrar padrões gerais na linguagem. Tendo sido bilíngue português e italiano, ela reconhecia derivação morfológica com significado regular no par nome/verbo janela/defenestrar, o que nos causava grandes discussões. Ela era teimosa, mas não insistia em equívocos. Apesar da aquisição do italiano como língua materna e de ter nascido em Roma, tinha orgulho de ser brasileira, naturalizadíssima. Sua história familiar, em meio a uma das tragédias da humanidade, foi decisiva para que tivéssemos alguém como ela, que lutasse por direitos sociais acima tudo e pela educação pública, sobretudo pela UFRJ. Estava aflita com o discurso anti-indigenista que nos ronda no momento, de modo que ficou muito feliz com seu último trabalho em parceria com colegas de longa data do Programa de Pós-Graduação de Linguística. Ela estava entusiasmada, anotava em seu caderninho os encontros para desenvolver um trabalho muito importante que enfatiza aspectos da Gramática Universal em línguas indígenas brasileiras, que une, portanto, o início de seu percurso no Museu Nacional, com estudos em línguas indígenas brasileiras, e Gramática Universal, uma verdade absoluta para ela. Seu vigor no auge de seus mais de oitenta anos a permitiu estar presente no Centro do Rio de Janeiro, em 2019, para lutar pela educação pública brasileira, na chuva, mas plena de energia e olhar crítico e preciso.

O ano de 2019 foi agitado para ela. Além de artigos e livros em meio a algumas orientações, tivemos uma aventura na Quinta da Boa Vista num domingo qualquer para promover ciência num momento sombrio e, finalmente, começava a ter forma, nossa maneira de contribuir para a educação básica através da Gramática Gerativa: submetemos, juntas, o projeto que hoje coordeno com outras colegas, mas que, sem ela, não existiria. Minha maneira particular de demonstrar eterna gratidão é defendendo a educação e desenvolvendo estudos e projetos em Gramática Gerativa. A agitação de seu último ano foi merecida e desejada. Aposentadoria absoluta não era um horizonte vislumbrado e vislumbrável por ela. Sequer gostava de férias.

Diante de tantas facetas de uma única mulher, é difícil, na verdade, definir em uma palavra quem foi Miriam Lemle. Corajosa, talvez. Verdadeira, sincera e independente, certamente. Deixou dois filhos biológicos e, por enquanto, quatro netos, mas muitos, muitos herdeiros de sua linguística, da teoria ao experimentalismo. Estou dentre uma destas orgulhosas herdeiras de um conhecimento complexo e honroso.

Seu maior legado iniciou-se no som da queda do *Syntactic Structure*, jogado em sua mesa por um estagiário americano de passagem no Museu Nacional. Ela fazia questão das onomatopéias desse encontro dela com sua história. Nas vezes em que ela compartilhou esse evento conosco, era possível ouvir, junto com ela, o som do livro batendo na mesa. Era uma cena real, com toques teatrais, que dão o devido relevo à importância daquele momento para ela. Ali começava, além da história dela, a história da linguística gerativa no Brasil, parte da história do Programa de Pós-Graduação de Linguística da UFRJ e ... a minha história.